



LES IMAGINAIRES DU CERVEAU, PATRICK PAJON ET MARIE-AGNES CATHIARD (EDS.), COL. TRANSVERSALES PHILOSOPHIQUES, 2014, 212 P. (ISBN: 978-2-8066-2834-3).

A publicação em análise resulta de um seminário dinamizado pelos editores no Centre de Recherches sur l'Imaginaire da Universidade Stendhal, Grenoble, em 2011-2012, e visa refletir a riqueza que o cérebro humano apresenta, e representa, no âmbito dos estudos sobre o Imaginário. Os contributos organizaram-se então, nas palavras dos editores, segundo três eixos: «as representações culturais do cérebro, o cérebro como operador ficcional, designadamente na ficção científica e, por fim, o novo imaginário técnico-científico do "cérebro-máquina"» (tradução nossa, p. 5).

Assumindo uma reflexão inovadora que procura, entre outros objetivos, clarificar novos termos operativos, os autores das dez contribuições que compõem o volume em análise provêm de áreas tão diversas como a etnologia, a antropologia, a psicologia cognitiva, a psicopatologia, as tecnologias da informação, o jornalismo, a filosofia, a história da medicina, a antropotecnia, entre outras. É de uma abordagem assumidamente plural que – considerando o substrato anatómico do cérebro humano e as realizações e reflexões que aquele órgão permite e promove – pretendem dar conta no presente volume.

Podemos, ainda assim, analisar de modo diverso os contributos constantes na obra e considerar três espectros de mobilização do conhecimento para congregar o pensamento múltiplo, mas univocamente orientado, que os diferentes capítulos do volume apresentam. Registamos, por isso, três conjuntos de artigos:

Um primeiro conjunto de textos, com abordagens de cariz científico, onde juntamos os textos assinados por Céline Cheric, «Des mécanismes cérébraux à l'imaginaire d'un homme réduit à son cerveau»; Marie-Agnès Cathiard e Fabio Armand, «BRAINBUS: Vers un modèle anthropologique neurocognitif transculturel pour les "fantômes" de l'imaginaire»; Rémy Potier, «L'imagerie cérébrale à la croisée des regards. Enjeux d'une discussion entre psychanalyse et neurosciences» e Patrick Pajon, «Drogues et imaginaire du cerveau: une brève histoire».

Um segundo conjunto de contribuições com um enfoque mais cultural, como os redigidos por Gilles Tarabout, «L'absence du cerveau dans les représentations du corps en Inde»; Sylvie Allouche, «Moi, Simon Wright, cerveau dans une cuve» e Rémy Sussan, «Le cerveau saisi par la contre-culture».

Um terceiro e último conjunto de artigos, com valências mais técnicas ou tecnicistas, da lavra de Jérôme Goffette, «Le carré des métaphores du cerveau à propôs de Ghost in the Shell de Mamoru Oshii»; Jean Paul Basquiat, «Aux racines de l'anthropotechnocène» e Paul Mathias, «Imaginaires du Réseau».

Entre uma perspetiva de «algoritmização» do cérebro (p.7), por um lado, e da «formidável plasticidade» das suas manifestações (p.5), por outro, os autores



transmitem reflexões atuais em torno do cérebro, as quais se mostram de elevada relevância no âmbito dos Estudos sobre o Imaginário.

Assim, no primeiro grupo de textos Céline Cherini parte da eletrofisiologia para as localizações cerebrais para terminar questionando a ficção e os ensaios científicos. Neste percurso, questiona a cibernética e o reducionismo que defende o determinismo que faz depender a personalidade da química da matéria cerebral. Marie-Agnès Cathiard e Fabio Armand, por seu turno, tratam do sonho e do corpo fantasma que definem desde logo como «*paralysie du sommeil* (SP: *Sleep Paralysis*) et corps "fantômes" (PhB: *Phantom Bodies*)» (p.53). Partindo da ideia do *incubus* – desde logo pelo título: «*Braincubus*» - os autores pretendem registar o estado da arte dos estudos antropológicos neuro-cognitivos transculturais. Procuram assim demonstrar a ligação de zonas cerebrais às narrativas de crença («*récits de croyance, believe narratives*» p.58), em particular as que podem ser analisadas no âmbito da tricológia, as quais a etnografia também documenta e a literatura tradicionalmente associa ao selvagem, ou à bruxa. Esta narrativa é, de resto, considerada primordial (em sentido etimológico) pelos autores. Rémy Potier, por seu lado, questiona a imagem médica cerebral enquanto reconstituição, considerando a imagem funcional como dispositivo (p.130). Partindo do conceito de dispositivo como definido por Foucault e analisado por Agamben, Potier situa o corpo humano segundo «uma geografia e uma terminologia de tipo médico» (p.132) e considera, nesta abordagem, a arte do século XX. É pois a partir do «olhar colocado no ícone» (p.134) que convoca a física quântica, a psicologia e as neurociências para a «reflexão epistemológica» (p.135; 142). A última contribuição deste conjunto, a de Patrick Pajon, parte da possibilidade de a história do consumo de alucinógenos e do seu sistema de sentidos funcionarem como «reveladores» dos «imaginários do cérebro» (p.181-2). Para o efeito, o autor analisa a utilização de substâncias psicotrópicas, enquanto «vias de atingir o êxtase» (p.185) sagrado no xamanismo. Analisa em seguida tal consumo com objetivos «profanos, pessoais e exploratórios» (p.186) nos séculos XIX e XX. Considera, depois, outros produtos com efeitos idênticos: o cinema, o consumo, o ciberespaço. Pajon conclui enunciando um novo consumo: o dos produtos que promovem a boa forma física e o bom humor (p.194-5) para, em conjunto com a estimulação intelectual, atingir o «corpo-capital» (p.195). E apresenta, desta feita, a centralidade atual dos nootrópicos e da antropotecnia. O conjunto destas contribuições é, não só, particularmente rico em informação, mas, sobretudo, revelador das potencialidades que as interseções entre ciência e humanidades permitem na construção do conhecimento, designadamente sobre a sociedade atual.

No segundo conjunto de texto, podemos ler a contribuição de Gilles Tarabout. Esta menciona principalmente a ausência de um cérebro equiparável ao órgão das funções que o mesmo assume no ocidente: é mais o conceito que o órgão que surge nas representações do corpo na Índia, nomeadamente antes da época colonial. Sylvie Allouche, por seu turno, parte da hipótese de que poderíamos viver apenas através do cérebro cujas funções vitais se mantivessem asseguradas (p.111). Apresenta, para desenvolver esta sua tese, a imagem do «cérebro numa tina» no quadro da ficção científica escrita e cinematográfica. Rémy Sussan, por seu lado, parte do consumo de psicotrópicos para explicar a passagem da



«contracultura» a «cibercultura» (p.152). As três reflexões aqui mencionadas – uma dedicada à cultura oriental, as outras relativas à cultura ocidental – revelam uma demanda de construção de sentidos para algumas manifestações culturais.

No último conjunto de capítulos da obra em análise começaremos por mencionar o artigo de Jérôme Goffette. O autor começa por definir um quadrado dividido em quatro que expõe «dimensões semânticas complementares» (p.92) e que apelida, no subtítulo, de «quadrado mágico das representações do cérebro» (p.91). É a partir deste que vai desenvolver «quatro dimensões de representação: o visível corporal, o visível incorporeal, o invisível corporal e o invisível incorporeal» (p.93). Serve-se para o fazer do filme de animação que nomeia em título, *Ghost in the Shell*, e vai dando conta do nascimento do ciborgue que será o segundo corpo de Kusanagi, porque o primeiro fora destruído (p.95). Uma segunda personagem do filme permitirá ainda ao autor desenvolver uma reflexão sobre os conceitos de pessoa e de humano. Seguidamente, Jean Paul Basquiast parte do termo antropotecnocena (p.157) para refletir sobre o conceito de cérebro coletivo. Serve-se para tal da expressão «sistema cognitivo» (p. 158) usada na robótica e dá conta de alguns exemplos de utilização da inteligência artificial na nossa sociedade atual. Por fim, Paul Mathias inicia a sua reflexão sob o título «Imaginários da rede», isto é, da internet, considerando que esta realidade «excedeu todos os imaginários» (p.164). E partindo da imagem de «autoestradas da informação» chega à de «acelerador de partículas» («*collisionneur de particules*») (p.164-5), pois, diz, a «internet é questão de sentido, e o sentido circula aí de modo fragmentado, parcelar, pulverizado até» (p.165). Assim, para falar dos imaginários da internet, Paul Mathias assume que não estamos já no espaço das representações que criaram a própria internet, mas que nos situamos no «*horizonte* que ela produz, reproduz, modifica, transforma e completa» (p.166). Distingue, entretanto, imaginação de Imaginário, considerando que este último conceito congrega três «propriedades princeps» (p.168): «o número e a complexidade das conexões imaginativas», «uma espessura do traço» e «partilha» (p. 168-9). E continua apresentando o que chama de «temáticas principais e solidárias» (p.170) do Imaginário da internet, também em número de três. Equipara em seguida este imaginário ao Imaginário de um autor (p.173). Mathias termina a sua contribuição dando conta do processo de produção dos «objetos de sentido» (p.177) de origem informática em confronto com os de produção tradicional – designadamente o processo de escrita. E através daquelas produções, e dos procedimentos que envolvem, considera que a internet «somos nós, é o nosso imaginário, mas somos nós para além de nós» (p.180). Estas contribuições de Goffette, Basquiast e Mathias são talvez as mais arrojadas do volume, mas constituem-se simultaneamente, e por isso mesmo, nas mais desafiantes. É nelas que pelo menos mais se interroga o conceito de humano.

Em suma, o pequeno volume de que aqui damos conta assume uma tarefa de grande importância: a de, com particular clareza e reflexões significativas, nos levar a questionar, por via do cérebro, o conceito de obra, de sociedade, de Homem



e de Imaginário. E com isso a compreender melhor o sistema de sentidos em que vivemos. Só podemos congratular-nos com a publicação de obras desta natureza.

Margarida Santos Alpalhão

(IELT, FCSH/NOVA)